

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A SIMBOLOGIA DO DRAGÃO, DO ELEFANTE, DA PANTERA E DA POMBA EM *LE BESTIAIRE DIVIN*, DE GUILLAUME LE CLERC

Vanessa Gomes FRANCA<sup>1</sup>

Pedro Carlos Louzada FONSECA<sup>2</sup>

### Resumo:

Durante toda a Idade Média, encontramos diversos livros que versam sobre os animais: fábulas, enciclopédias, tratados de caça. Entre os textos da literatura medieval animal, os bestiários desempenham um papel fundamental, pois eles apresentam os animais como símbolos de significações morais e religiosas. Nesse artigo, examinamos alguns aspectos concernentes à simbologia do dragão, considerado como uma criatura demonológica, e sua relação com o elefante, a pantera e a pomba, figuras cristológicas, na obra *Le bestiaire divin*, de Guillaume le Clerc.

**Palavras-chave:** Bestiário medieval. simbologia. *Le bestiaire divin*. Guillaume le Clerc.

### Resumé:

Pendant tout le Moyen Âge, nous trouvons de nombreux livres qui parlent des animaux: des fables, des encyclopédies, des traités de chasse. Parmi les textes de la littérature animalière médiévale, les bestiaires jouaient un rôle fondamental, car ils présentent les animaux comme symboles de significations morales et religieuses. Dans ce article, nous examinons quelques aspects de la symbologie du dragon, considéré comme une créature démonologique, ainsi que leur relation avec l'éléphant, la panthère et la colombe, créatures cristologiques, dans l'oeuvre *Le bestiaire divin*, de Guillaume le Clerc.

**Mots-clés:** Bestiaire médiéval. Symbologie. *Le bestiaire divin*. Guillaume le Clerc.

*Car en ce livre nous apprend  
Natures des bêtes et moeurs,  
[...] où l'on pourra exemple prendre  
De bien faire et de bien comprendre.  
Guillaume le Clerc*

Os bestiários medievais, livros em que se compilavam informações a respeito de animálias reais e imaginárias, apresentavam capítulos com a descrição física, comportamental e do *habitat* das criaturas por eles elencados. Ademais, como os animais eram representados como modelo de ensinamento moral para os medievais, ao final de cada exposição, o bestiarista, geralmente um clérigo, acrescentava uma lição de teor moral ou teológico. Por causa de seu caráter catequizante, Van Woensel (2001, p. 15) defende que “[o]s bestiários são um fiel reflexo do imaginário da época e um produto típico do universo cultural medieval dominado pelos clérigos”.

Os medievais acreditavam que todas as criaturas haviam sido criadas por Deus. Desse modo, todas edificavam com exemplos de conduta positiva ou negativa, transmitindo “[...] um testemunho espontâneo e vivo da verdade da religião cristã” (ZUCKER, 2004, p.

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. É professora de Literatura Infantil e Juvenil, Produção de trabalho acadêmico e Estágio Supervisionado na Universidade Estadual de Goiás (UEG – Câmpus Campos Belos e Pires do Rio). E-mail: <francavg@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Professor Doutor Titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: <fonseca@globo.com>.

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

31).<sup>3</sup> Nesse sentido, os livros bestiários são uma *Imago Mundis*, revelação do próprio homem e espelho da criação divina. Então, “[...] ao leitor devoto da Idade Média [cabia] a possibilidade de reconhecer, nas suas espécies animais representadas, os misteriosos desígnios divinos, fosse de maneira explícita ou cuidadosamente escondida nos meandros das interpretações simbólicas” (FONSECA, 2011, p. 48).

Inicialmente, os bestiários são escritos em latim. Dessa maneira, alcançam grande sucesso entre os letrados da Idade Média, os quais eram capazes de ler na língua latina. Mais tarde, tais textos são traduzidos e adaptados para as línguas vernaculares: anglo-saxão, anglo-normando, neerlandês-médio,<sup>4</sup> velho alemão, médio alto-alemão,<sup>5</sup> nórdico, antigo e médio francês, inglês médio,<sup>6</sup> provençal,<sup>7</sup> italiano,<sup>8</sup> posteriormente, para catalão, toscano, veneziano, português,<sup>9</sup> o que possibilita a sua difusão para um público ainda maior.

O primeiro bestiário em língua francesa, que se tem notícia, data do século XII. É por volta de 1121-1135 que surge *Le bestiaire*, sob a pluma do clérigo normando Philippe de Thaon, considerado como a mais antiga tradução em língua vulgar do *Physiologus* latino – é importante salientar que esse bestiarista é o primeiro a usar o termo “bestiário” (*bestiaire*), que seria adotado nos demais códices com propriedades análogas a ele. Além disso, a partir da publicação desse manuscrito, vemos o nascimento da tradição medieval bestiária em língua francesa, que ganha destaque também com: *Le bestiaire*, de Gervaise; as duas versões de *Le*

<sup>3</sup> Lê-se no original: [...] *un témoignage spontané et vivant de la vérité de la religion chrétienne*.

<sup>4</sup> *Die beestearis*, datado da segunda metade do século XIII, foi redigido nos Flandres, em neerlandês-médio, pelo vigário de Aardendurg Willem Utenhove. Além dele, consta uma tradução do tratado latino *De natura rerum* [Da natureza das coisas], de Thomas de Cantimpré, realizado pelo clérigo Jacob Van Maerlant. Este intitulou seu livro *Der naturen bloeme* [Flor da natureza], o qual data do século XIII (VAN WOENSEL, 2001, p. 30).

<sup>5</sup> De acordo com Van Woensel (2001, p. 27), “[u]m anônimo monge da abadia de Hirsau redigiu nos idos de 1050 uma versão livre, de uma tradução latina de *Physiologus* em médio alto-alemão. É um texto em prosa, sem pretensões literárias, destinado à edificação dos fiéis mediante a interpretação alegórica da natureza de alguns animais”.

<sup>6</sup> Em Inglês médio, preserva-se uma obra anônima, a qual data do final do século XIII e descreve 13 animais. Este códice é uma versão do bestiário rimado em latim do monge italiano Teobaldo (VAN WOENSEL, 2001, p. 30).

<sup>7</sup> Na Provença, conserva-se um bestiário anônimo em prosa, *Aiso son las naturas d’alcus auzels e d’alcunas bestias* [Assim são as naturezas de algumas aves e bichos], o qual alista 35 animais. Tal códice “[...] data do século XIII e que retoma o elenco de animais e as naturezas de cada um tais como constam da tradição, porém com poucas lições anexas” (VAN WOENSEL, 2001, p. 72).

<sup>8</sup> Escrito no dialeto da Umbria Ocidental, o *Bestiario engubino* [o bestiário de Gubbio] data da segunda metade do século XIII. Nele, são apresentados 64 sonetos e cada um expõe um animal (VAN WOENSEL, 2001, p. 29).

<sup>9</sup> Segundo Van Woensel (2001, p. 78), em “[...] Portugal, encontram-se três diferentes códices do *Livro das aves*, dedicado, essencialmente, aos animais alados. Deste livro em latim subsistem alguns fragmentos manuscritos em tradução portuguesa, em cópia datando de do século XIV”. Trata-se de versões da obra *De Bestiis et aliis rebus* [Dos animais e outras coisas], de Hugo de Folieto – a princípio, atribuída erroneamente à Hughes de Saint-Victor.

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

*bestiaire*, de Pierre de Beauvais; *Le bestiaire d'amour*, de Richard de Fournival e *Le bestiaire divin*, de Guillaume le Clerc, que constitui objeto de nossa pesquisa.

Guillaume le Clerc<sup>10</sup>, um clérigo normando, é o autor do manuscrito *Le bestiaire divin*. Além deste livro, também escreveu *Le besant de Dieu*, um tratado moral inspirado na Bíblia e composto por 3758 versos; *Les joies de Nostre Dame*, compreendendo 1164 versos; *La vie de sainte Marie-Madeleine*, texto fundamentado na vida e milagres de Santa Maria Madalena, abrangendo 712 versos; *La vie de Tobie*, baseado em *Book of Tobit*, o qual foi escrito por William, prior de Kenilworth, nos primeiros vinte anos do século XIII; *Trois mots*, um trabalho moral, constituído por 512 versos, dedicado a Alexandre, bispo de Litchfield e Coventry (1224-1238), que se inspirou no *De contemptu mundi sive de miseria humanae condicionis*, de Inocêncio III; e a fábula *Du prestre et d'Alison* (HIPPEAU, 1852; KIBLER et al, 1995, p. 824).

Poucas informações, a respeito desse bestiarista, são encontradas. De acordo com Bianciotto (2006, p. 9), acredita-se que Guillaume era um clérigo casado, de condição modesta, nascido na Normandia e que fez em Paris ao menos uma parte de seus estudos. Ainda segundo o estudioso, no momento em que escreveu *Le bestiaire divin*, ele estava certamente estabelecido na Inglaterra, visto que menciona o país várias vezes em seu texto. Além disso, destaca-se que seus textos foram escritos no dialeto normando do francês e não no dialeto anglo-normando da Inglaterra.<sup>11</sup>

*Le bestiaire divin* possui 3426 versos, sendo, por esse motivo, o mais extenso dos códices franceses. Como ocorre com outros bestiários, não se sabe a data exata desse texto. Pondera-se o período entre 1208 e 1226 para a sua possível escritura.<sup>12</sup> Dentre os manuscritos franceses, seu códice é considerado o mais elaborado literariamente. Segundo Angela Marie Mattiacci (1996, p. 16), Guillaume se esforça em traduzir o *Physiologus* latino em um francês cuidadoso. Seu estilo, embora simples e fácil, é muito mais refinado que aquele de Philippe de Thaon.

A fonte principal de *Le bestiaire divin*, parece ser um manuscrito da versão *B-Isidoro*. À exceção da omissão das informações sobre o profeta Amós e sobre a pérola, os

<sup>10</sup> Guillaume é nomeado como Guillaume “le Clerc”; Guillaume “le Normand” ou Guillaume “le clerc de Normandie”.

<sup>11</sup> Informação obtida no site: <http://bestiary.ca/prisources/psdetail1097.htm>.

<sup>12</sup> Segundo Van Woensel (2001), tal bestiário data de 1226. Aubert (2006) defende que ele tenha sido escrito por volta de 1210. De acordo com Hippeau (1852) ele foi composto após o ano 1208. Para Varandas (2006), ele foi produzido entre 1210 e 1211.

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

trinta e cinco capítulos que compõe tal bestiário seguem a ordem da versão latina, incluindo em quase todos os casos adições isidorianas. A exemplo daquele de Philippe de Thaon, o bestiário de Guillaume apresenta algumas variações em relação a sua fonte provável, devido à liberdade praticada pelo autor durante a escrita ou à influência de outros manuscritos (VERMEILLE, 2006, p. 39).

O texto de Guillaume figura entre os mais conhecidos bestiários franceses. Um dos fatos que confirma essa predileção é o número de exemplares de manuscritos que ele possui. Somam-se vinte e três manuscritos franceses e ingleses, em sua maioria ilustrados, que datam de um período que vai da metade do século XIII ao século XV. Os capítulos do livro de Guillaume estão assim organizados: 1. Leão; 2. Antílope; 3. Pedras-de-fogo; 4. Serra; 5. Carádrrio; 6. Pelicano; 7. Coruja; 8. Águia; 9. Fênix; 10. Poupa; 11. Formiga; 12. Sereia; 13. Ouriço; 14. Ibis; 15. Raposa; 16. Unicórnio; 17. Castor; 18. Hiena; 19. Hidra, Crocodilo; 20. Bode, cabra; 21. Onagro; 22. Macaco; 23. Fulica; 24. Pantera, Dragão; 25. Baleia; 26. Perdiz; 27. Doninha, Áspide; 28. Avestruz; 29. Rola; 30. Cervo; 31. Salamandra; 32. Pomba, *Peridexion*; 33. Elefante; 34. Mandrágora; 35. Diamante.<sup>13</sup>

Dentre as alimárias presentes em *Le bestiaire divin*, falaremos a respeito do dragão, visto esta criatura ser uma das figuras mais retomadas na literatura, na pintura, na escultura. Segundo Acosta (1995, p. 235), ele é uma espécie de arquétipo, o qual está presente em todas as culturas, mitos e tradições. Talvez por esse motivo, exiba leituras polissêmicas. Na tradição asiática, por exemplo, apresenta aspectos negativos. No entanto, na maioria das vezes, sua interpretação é positiva. Destarte, ele é associado à boa estação, à chuva fertilizante, aos ritos agrários, à riqueza, ao bem e a sabedoria (ACOSTA, 1995, p. 236). Além do mais, é “[...] um ser digno de respeito, portador de sorte e dádivas, sendo desde a era Sung, na China, símbolo do imperador” (CRUZ, 2001, p. 220).

Já no Ocidente e nos Orientes Próximo e Médio, embora também apresente características positivas, as negativas se sobressaem. Por essa razão, é sempre descrito como um inimigo; uma imagem do Caos ou do Mal; um perigoso obstáculo que deve ser vencido,

<sup>13</sup> Lê-se no original: 1. *Lion*; 2. *Aptalops (antilope)*; 3. *Dous peres*; 4. *Serre (poisson scie)*; 5. *Caladrius (oiseau «Charadrios»)*; 6. *Pellican*; 7. *Nicticorace, freseie (hibou)*; 8. *Aigle*; 9. *Fenis (phénix)*; 10. *Hupe*; 11. *Formi*; 12. *Sereine (sirènes)*; 13. *Heriçon*; 14. *Ybex (ibis)*; 15. *Gupil (renard)*; 16. *Unicorne*; 17. *Bevre (castor)*; 18. *Hyaine*; 19. *Idrus, Cocadrille (mangouste et crocodile)*; 20. *Buc, chevre*; 21. *Asne salvage (onagre)*; 22. *Singe*; 23. *Fulica (pas nommé dans le texte) (foulque = héron)*; 24. *Pantere, Dragon*; 25. *Cetus (aspic-tortue)*; 26. *Perdriz*; 27. *Belette, Aspis*; 28. *Ostrice (autruche)*; 29. *Turtre (tourterelle)*; 30. *Cerf*; 31. *Salamandre*; 32. *Colom, Paradixion*; 33. *Olifant*; 34. *Mandrangoire*; 35. *Diamant*.

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

seja para civilizar uma região, seja para que um herói alcance a imortalidade, a riqueza ou o amor de uma donzela (ACOSTA, 1995, p. 236).

Na literatura clássica antiga suas representações são diversas. Do mesmo modo, na literatura medieval, ele se caracteriza por uma simbologia rica e variada. Segundo Philippe Ménard (1994, p. 248), é sobretudo na Idade Média que os dragões se proliferam nos textos. Dessa maneira, pode aparecer: representado como uma serpente; um réptil alongado e com a cabeça pequena; às vezes tem um corpo bastante grande e move-se com duas patas; possui asas e patas semelhantes à do leão; tem uma boca ameaçadora, pois cospe fogo; o corpo é revestido por escamas extremamente duras; sua cauda é longa e afilada; possui olhar fixo e paralisante; tem a cabeça ornada por chifres longos.

Destacamos, igualmente, que a presença do dragão no imaginário cristão é muito antiga. Gaston Duchet-Suchaux e Michel Pastoureau (2002, p. 62) afirmam que “[...] o cristianismo medieval é obcecado pelo dragão: ele incarna todas as forças do Mal, ameaça os homens pecadores, serve de atributo à Satanás e aos inimigos de Deus”.<sup>14</sup> Na Bíblia, o dragão é mencionado em várias passagens. Em algumas delas, ele é a serpente, símbolo do mal, dos pecados capitais e de demônios:

**Foi expulso o grande Dragão, a antiga serpente, o chamado Diabo ou Satanás**, sedutor de toda a terra habitada — foi expulso para a terra, e seus Anjos foram expulsos com ele (Apocalipse 12,9, grifo nosso).

Vi então um Anjo descer do céu, trazendo na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. **Ele agarrou o Dragão, a antiga Serpente — que é o Diabo, Satanás** — acorrentou-o por mil anos e o atirou dentro do Abismo, fechando-o e lacrando-o com um selo para que não seduzisse mais as nações até que os mil anos estivessem terminados (Apocalipse 20,1-3, grifo nosso).

Apareceu então outro sinal no céu: **um grande Dragão, cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres e sobre as cabeças sete diademas; sua cauda arrastava um terço das estrelas do céu, lançando-as para a terra** (Apocalipse 12,3-4, grifo do autor em itálico, grifo nosso em negrito).

De suas narinas jorra fumaça, como de caldeira acesa e fervente. Seu hálito queima como brasas, e suas fauces lançam chamas. Em seu pescoço reside a força, diante dele corre a violência. Quando se ergue, as ondas temem e as vagas do mar se afastam. Os músculos de sua carne são compactos, são sólidos e não se movem. Seu coração é duro como rocha, sólido como uma pedra molar. A espada que o atinge não resiste, nem a lança, nem o dardo, nem o arpão. O ferro para ele é como palha; o bronze, como madeira carcomida. A flecha não o afugenta, as pedras da funda são felpas para ele. A maçã é para ele como lasca, ri-se do sibilo dos dardos. Seu ventre coberto de cacos pontudos é uma grade de ferro que se arrasta sobre o lodo. Faz

<sup>14</sup> Lê-se no original: *Le christianisme médiéval est obsédé par le dragon: il incarne toutes les forces du Mal, menace les hommes pécheurs, sert d'attribut à Satan et aux ennemis de Dieu.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

ferver o abismo como uma caldeira, e fumar o mar como um piveteiro. Deixa atrás de si uma esteira brilhante, como se o oceano tivesse uma cabeleira branca. Na terra ninguém se iguala a ele, pois foi feito para não ter medo. Afronta os mais altivos, **é rei das feras soberbas** (Jó 41,12-26, grifo nosso).

Nos bestiários, ele também aparece como imagem da serpente:

[...] **o dragão é a maior de todas as serpentes**, na realidade de todos os seres vivos que há na terra (WHITE, 1984, p. 165, grifo nosso).<sup>15</sup>

[...] **inicialmente, era uma serpente e, com o passar do tempo, converteu-se em dragão e mudou de forma**. Sobre esse assunto, é dito: “Quando a serpente encontra oportunidade, transforma-se em dragão”. O autor de ‘*Ajā’ ibu-l-Makhlūqāt* diz que, quando a serpente atinge os trinta metros de comprimento e os cem anos de idade, chamam-na dragão (NUZHAT, 1928, pp. 36-37 apud MALAXECHEVERRÍA, 2008, p. 224, grifo nosso).<sup>16</sup>

Não obstante a importância do dragão, notamos que nos Fisiólogos consultados (*El Fisiólogo* atribuído a San Epifanio; *El Fisiólogo*, editado por Nilda Guglielmi; *El Bestiario Toscano*) não há um capítulo sobre ele. Já nos bestiários, ele é citado ao se tratar de outros animais, tais como o elefante, a pantera e a pomba – o manuscrito de Cambridge<sup>17</sup> destina-lhe uma seção. Dentre os bestiários franceses, somente aquele de Guillaume le Clerc lhe dedica um capítulo, o qual expomos:

Do Dragão

Mas é certo que vos dirão  
Da figura do dragão.  
De todas as bestas rastejantes  
É o dragão a maior  
E em grande calor engendrado  
Nasce na Etiópia.  
Boca pequena e corpo grande  
E tão reluzente como o fino ouro.  
Sua cauda é longa e suas unhas são grandes;  
Imenso infortúnio causa ao elefante;  
Pois com sua cauda nele bate  
Pelas pernas, então o abate;  
Não possui veneno de morte,  
Mas é extremamente grande e forte;

<sup>15</sup> Lê-se no original: [...] *the dragon is the biggest of all serpents, in fact of all living things on earth.*

<sup>16</sup> Lê-se no original: [...] *al comienzo, era una serpiente, y con el transcurso del tiempo se convirtió en dragón y cambió de forma; sobre este asunto, se ha dicho: “Cuando la serpiente encuentra oportunidad, se vuelve dragón”. El autor del ‘Ajā’ ibu-l-Makhlūqāt dice que, cuando la serpiente alcanza los treinta metros de largo y los cien años de edad, la llaman dragón.*

<sup>17</sup> O bestiário de Cambridge, datado do século XII, foi editado e traduzido em 1928 por Terence Hanbury White, sob o título *The book of beasts: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

E mata com sua cauda  
 Todos aqueles que estão em seu poder (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 260-261, tradução nossa).<sup>18</sup>

Consoante relatado por Guillaume, o dragão é inimigo do elefante. Ao contrário do primeiro que, como vimos, simboliza o pecado da soberba, figurando como um animal demonológico, o segundo representa a virtude da castidade, participando das animálias cristológicas. De acordo com relatos presentes nos Fisiólogos (*El Fisiólogo; Le Physiologos*) e nos bestiários (Cambridge), o elefante ignora totalmente o desejo sexual<sup>19</sup> e somente copula para ter uma progenitura. Ademais, é evidenciada sua estreita monogamia, pois permanece fiel por toda a vida, mesmo ao perder sua companheira. Quando o macho sente vontade de procriar, retira-se para o Oriente, próximo ao Paraíso, e a fêmea o acompanha. Ali cresce uma árvore chamada mandrágora. A fêmea come primeiro do fruto da árvore e o oferece ao seu macho. Depois que ele come, aproxima-se dela e esta concebe (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 261).<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Lê-se no original: *De Dragon*  
*Mes dreit est que nos vos dion*  
*De la feture del dragon.*  
*De totes les bestes rampanz*  
*Est le dragon tot le plus granz*  
*Et en grant cholor engendrez*  
*En Ethiope sunt il nez.*  
*Boche a petite et grant le cors,*  
*Et si reluist comme fin ors.*  
*Longue a la coue et ungles granz;*  
*Grant ennui fet a l'olifanz*  
*Quer o sa coue le debat*  
*Par les jambes, si qu'il l'abat;*  
*Ne porte pas venin de mort*  
*Mes durement est grant et fort;*  
*Et ove sa coue asouplie – ove=com*  
*Toz ceus qui sunt en sa ballie(a).*

<sup>19</sup> De acordo com Santiago Sebastián (1986, p. 26), o aspecto mais importante do elefante diz respeito a sua vida sexual, que muito preocupou os escritores desde a Antiguidade. Segundo ele, há uma diferença entre os machos e as fêmeas no que concerne à idade para a realização do coito: eles o fazem aos cinco anos; elas aos dez. Além disso, assinala que os elefantes copulam a cada dois anos e somente durante dois dias.

<sup>20</sup> *Quant le malle veut engendrer*  
*En sa compaigne et en sa per,*  
*Vers Orient andui s'en vont,*  
*Joste paradis en un mont,*  
*Ilec ou creist la mandagloire,*  
*Donc nos feron apres memoire.*  
*La femele de l'olifant*  
*Aproche a l'erbe maintenant;*  
*Si menjue de l'erbe einceis,*  
*Lors en menjeu, quant il veit*  
*Que la femele le deceit.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

Em *Proprietez des bestes*, narra-se que “[a]s duas bestas mais opostas e maiores adversárias são o dragão e o elefante, que se odeiam extraordinariamente um ao outro, mais do que qualquer outra besta no mundo, e mantêm-se em guerra perpétua” (1836, p. 442).<sup>21</sup> Dessa maneira, encontramos relatos sobre o motivo de tal desavença tanto no *Physiologus* como no *Bestiário*. Em alguns bestiários (como o de Guillaume le Clerc e o de Richard de Fournival), há uma contenda entre tais bestas, pois o dragão persegue o elefante para matar seu filhote. Quando a fêmea do elefante vai dar à luz, ela o faz no rio. Enquanto isso, o macho vigia da margem, assegurando-se de que o dragão não se aproxime deles. Na Figura 1, vemos dois elefantes, provavelmente a mãe e seu filho, que acaba de nascer no rio. Ambos estão em pé na água e a elefanta protege seu filhote de um dragão.

Figura 1



Fonte: ANÔNINO.  
(Northern France, 13th century)  
Bibliothèque Nationale de France, lat. 6838B, Folio 4v

Em outras fontes (*Proprietez des bestes*; *Westminster bestiary*), o dragão mata o elefante, pois deseja beber o sangue deste, que além de abundante é frio, a fim de estancar seu fogo interno. Por essa razão, o dragão vigia os caminhos por onde passa o elefante, com o intuito de atacá-lo e matá-lo. No *Bestiaire Ashmole*, encontramos o relato de que o dragão vigia por um longo tempo até ver o elefante dormindo, apoiado em um árvore. Dessa maneira,

*Quant emmedui en on mengie,  
Et ont deduit et enveisie,  
Et asemble a los afere,  
Si comme bestes doivent fere,  
La femele tantost conceit.*

<sup>21</sup> Lê-se no original: *Les deux plus contraires bestes et plus grant adversaires, c'est le dragon et l'elephant, qui à merveilles se heent l'un l'autre, plus que bestes qui soient au monde, et ont guerre perpetuelle.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

ele a corta com sua cauda e o elefante cai sobre seu dorso não conseguindo se levantar. O dragão, então, fura-lhe os olhos, morde-o, suga seu sangue e o envolve com sua cauda (Figura 2). Enfraquecido, o elefante cai morto em cima do dragão, esmagando-o com seu peso (apud PASTOUREAU, 2011, p. 206).<sup>22</sup>

Figura 2



Fonte: ANÔNIMO.  
(England (York), 13th century)  
St John's College (Oxford) Library, MS. 61, Folio 61r

O texto de *Le bestiaire divin* expõe que o dragão “[i]menso infortúnio causa ao elefante / Pois com sua cauda nele bate / Pelas pernas, então o abate” (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 261). Diferentemente do que ocorre no *Bestiaire Ashmole*, no texto de Guillaume, o dragão mata o elefante apenas com sua cauda. Além disso, também podemos destacar que aquele “[n]ão possui veneno de morte” (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 261). No que diz respeito a essa característica do dragão, alguns bestiários apresentam variações em suas versões. Em *Le bestiaire d’amour*, por exemplo, o bestiarista nos conta que se o dragão pudesse alcançar o filhote do elefante na água, ele os lamperia e os envenenaria. Ademais, do dragão é dito não morder ninguém, mas envenenar com sua língua – como observamos por meio da Figura 3 – (FOURNIVAL, 1860, p. XX).

<sup>22</sup> Lê-se no original: *Le dragon [...] se cache à la croisée des chemins et guette longuement comme fait le diable. Quand il voit l’éléphant endormi, appuyé sur un arbre, il coupe l’arbre d’un seul coup de queue. L’éléphant tombe sur le dos et ne peut plus se relever en raison de sa masse. Le dragon le [elefante] mord alors entre les cuisses, là ou la peau est la moins épaisse, lui crève les yeux, suce son sang, le retourne avec sa queue. Affaibli, l’éléphant meurt peu à peu, mais en mourant il tombe sur le dragon et l’écrase de tout son poids, le tuant à son tour.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

Figura 3



Fonte: RICHARD DE FOURNIVAL, *Le bestiaire d'amour*.  
(France, 14th century)  
Bodleian Library, MS. Douce 308, Folio 104v

O dragão, como um animal demonológico, teme a pantera, pois ela é uma figura cristológica. A pantera é considerada como uma alimária bela, mansa e multicolor. O fato de ser tida como um belo animal a faz símbolo de Cristo, do qual Davi fala: “És o mais belo dos filhos dos homens” (Salmo 45,3). Ela é mansa, igualmente como Cristo, conforme Isaías diz: “Alegrai-vos e exultai, filha de Sião, exclamai, ó filha de Jerusalém, porque o seu rei vem a ti, manso [...]” (Zacarias 9,9 apud THE ABERDEEN BESTIARY, fol. 9v, tradução nossa).<sup>23</sup>

Segundo Pastoureau (2011, p. 73-74), seu pelo não é uniforme, mas composto de diferentes cores, o mais frequentemente sete, número que na Idade Média constituía uma totalidade, uma perfeição. Ela pode ser listrada, manchada, pontilhada de estrelas ou de pequenos círculos em todo o corpo. Em seu texto, Guillaume le Clerc (1852, p. 257) discorre, inicialmente, que há panteras branca, rosa, violeta, azul, amarela, verde, negra, cinza e colorida.<sup>24</sup> Mais adiante, o bestiarista utiliza passagens bíblicas, a fim de sustentar que a

<sup>23</sup> Lê-se no original: *The fact that the panther is a gentle animal [signifies Christ], as Isaiah also says: 'Rejoice and be glad, daughter of Zion; shout, O daughter of Jerusalem; because your king comes to you, meek ...' (see Isaiah, 62:11; Zechariah, 9:9; Matthew, 21:5).* Ao procurarmos essa passagem em algumas Bíblias (*Jerusalém, Ave Maria; CNBB; King James Version*), encontramos a palavra **manso** substituída por **justo**: “Exulta muito, filha de Sião! Grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti: ele é **justo** e vitorioso, humilde, montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho da jumenta” (Zacarias 9:9). Dentre as versões bíblicas que dispomos, somente localizamos a palavra **meek** em *The New American Bible*, disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/the-new-american-bible/zechariah/9/#.UfPow9K1EaB>>.

<sup>24</sup> Lê-se no original: *Ne plus blanche, ne plus soeve; Quer ele est rouse et inde et bleve,*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

pantera é multicolor, do mesmo modo como Salomão disse sobre Jesus, o qual é “[...] sabedoria de Deus, espírito de inteligência, seguro, firme, estável, incapaz de proibir de se fazer o bem, doce, leal e gentil” (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 257, tradução nossa).<sup>25</sup> Dessa maneira, a pelagem de cores múltiplas da pantera evoca as inúmeras virtudes do Salvador (VOISENET, 2000, p. 60).

A pantera apresenta outro aspecto essencialmente crístico, de acordo com textos antigos. Charbonneau-Lassay (1997, p. 285) refere que os autores cristãos acreditavam que a pantera tinha o poder de anular os efeitos de venenos e, assim, podia comer livremente os alimentos envenenados. Por essa razão, ela é imagem do Cristo imperecível, o qual viveu no meio dos homens, na atmosfera do pecado, sem se macular com a contagiosa corrupção destes.

Alguns autores discutem sobre outra propriedade desse animal: a gestação única. Acosta (1995, p. 64) assinala que Plínio e Isidoro tratam desse tema. Este último especifica que a pantera dá à luz somente uma vez em sua vida, pois os filhotes, quando já estão crescidos, sentem-se impacientes para nascer e com suas garras afiadas lhe dilaceram o ventre e as entranhas, impedindo-lhe de procriar novamente. Plínio afirma que os animais que tem garras afiadas não podem dar à luz com frequência, visto que ficam lesionados com o mover dos filhotes (WHITE, 1984, p. 17).

Por fim, destacamos o odor. No que diz respeito a esse assunto, Aristóteles, Eliano e Plínio comentaram a faculdade de a pantera emitir um perfume delicado e suave capaz de atrair os animais (CHARBONNEAU-LASSAY, 1997, p. 284). Na tradição bestiária medieval, quando a pantera rugir, exala um sopro muito suave e perfumado, atraindo todos os animais que estão próximos e mesmo aqueles que estão distantes, conforme observamos por meio do trecho:

Então, emite um rugido tão forte  
Que se o pode ouvir claramente  
No país inteiro.  
Em seguida, exala um hálito tão agradável  
De sua boca, em verdade,

---

*Et jaune, et verte, et neire, et bise;  
Coloree est de mainte guise.*

<sup>25</sup> Lê-se no original: *Salemon dist, en sa sentence,*

*Que Crist est de Deu sapience,  
Et seur, et ferm, et estable,  
Qui nul bien ne destorne a faire,  
Douz et leal et debonaire.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

Que em toda a vizinhança  
 Nenhuma besta há que resista  
 Que imediatamente a ela não se aproxime.  
 A ela veem todas juntas  
 Pelo perfume lhes parecer tão bom  
 E todas seguem a pantera (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 257, tradução  
 nossa).<sup>26</sup>

A pantera ruge e sopra, como o leão. O sopro, o hálito, o rugido ou a lambidela caracterizam “[...] o fenômeno crístico de doação ou alento da vida através do sopro ou da boca, presente em muitas criaturas do bestiário, a exemplo do leão, do urso e da pantera” (FONSECA, 2011, p. 156). Assim, a pantera representa Jesus, pois Ele tem “[...] palavras de vida eterna” (João 6,69). Ademais, da mesma maneira que a pantera atrai, por meio do seu odor, Cristo, encanta, pois “[...] o odor dos teus perfumes [palavras] é suave” (Cântico dos Cânticos 1,3), ou seja, “[...] os seus mandamentos são aprazíveis” (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 259).

De natureza semelhante à pantera, a qual alcança com seu hálito bestas do “país inteiro”, Cristo “[...] veio e anunciou paz a vós que estáveis longe e paz aos que estavam perto, pois, por meio dele, nós, judeus e gentios, num só Espírito, temos acesso junto ao Pai (Efésios 2,17-18). Destarte, “[...] nós, que ouvimos sua voz e estamos cheios do seu dulcíssimo odor – quer dizer, de seus mandamentos –, o seguimos tal como diz o profeta” (BEAUVAIS, 2010, p. 205).<sup>27</sup> “Jamais me desvio de tuas normas, porque és tu que me ensinas. Quão doce ao meu paladar é tua promessa, é mais do que o mel em minha boca! Com teus preceitos sou capaz de discernir e detestar todo caminho mau” (Salmo 118,102-104).

#### Figura 4

<sup>26</sup> Lê-se no original: *Donc giete un si grand muiement  
 Qu'on la puet oir clerement  
 De trestot le pais entor.  
 Donc ist une tant boene odor  
 De sa boche, por verite,  
 Qu'en tote la veisinite  
 N'a nule beste qui se tienge,  
 Que maintenant a le ne vienge.  
 A le vienent totes ensemble,  
 Por l'odor qui boene lor semble ;  
 Et totes sevent la pantiere.*

<sup>27</sup> Lê-se no original: *[...] nos, qui oons as vois et somes raempli de as très doce odor, c'est de ses commandemens, que nos l'ensievons, si comme li Prophetes dist.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.



Fonte: GUILLAUME LE CLERC, *Bestiaire Divin*.  
(France, end of 13th century)  
Bibliothèque Nationale de France, fr. 1444b, Folio 250r

Por meio da Figura 4, observamos uma pantera multicolor que está com a boca aberta. Essa ação parece sugerir<sup>28</sup> o que expusemos anteriormente, isto é, ela emana um “hálito tão agradável”, com o qual encanta diversos animais e estes a seguem – consoante ao que informa o texto de Guillaume. Não obstante a essa atração que exerce sobre as mais variadas bestas, os autores dos fisiólogos e dos bestiários destacam que ela e o dragão são inimigos mortais.<sup>29</sup> Por esse motivo, ao sentir o perfume que daquela exala, o dragão foge aterrorizado e se refugia em sua caverna, em buracos ou em espaços subterrâneos, como notamos na Figura 5, pois a teme:

Mas rapidamente foge o dragão para longe  
Quando escuta sua voz  
E percebe a doçura do seu odor  
Pois não pode suportá-lo por muito tempo (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 258, tradução nossa).<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Em outros bestiários, notamos imagens que mostram de forma mais nítida, com traços bem delineados, o hálito saindo da boca da pantera, tais como: Bodleian Library, MS. Bodley 602, Folio 20r; Bodleian Library, MS. Bodley 764, Folio 7v; British Library, Royal MS 12 F. xiii, Folio 7r; Merton College Library, MS. 249, Folio 3r; Morgan Library, MS M.81, Folio 21r. Apesar disso, escolhemos a Figura 4 por ela fazer parte do livro de Guillaume.

<sup>29</sup> De acordo com Charbonneau-Lassay (1997, p. 284), os autores cristãos, a fim de adaptar mais comodamente uma relação alegórica entre Cristo e a pantera já apresentada pelos antigos (Aristóteles, Eliano, Plínio), agregaram em sua descrição que, entre todos os animais, apenas o dragão e a serpente, em vez de se sentirem atraídos pelo perfume que aquela exala, sentem-se tão importunados por ele que fogem para longe ao perceber os primeiros eflúvios. Ressaltamos que, como vimos, no texto de Guillaume le Clerc, o bestiarista cita o dragão. Também encontramos tal besta em: *El fisiólogo*; *Bestiario moralizzato de Gubbio*; *Le Bestiaire*, de Pierre de Beauvais; bestiário de Cambridge; *Le bestiaire*, de Philippe de Thaon; *Le bestiaire*, de Gervaise. A serpente é citada, por exemplo, no *Physiologus Armênio* e em *El bestiario toscano*.

<sup>30</sup> Lê-se no original: *Mes le dragon s'entret arriere*.

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

Figura 5



Fonte: GUILLAUME LE CLERC, *Bestiaire Divin*.  
(France, end of 13th century)  
Bibliothèque Nationale de France, fr. 1444b, Folio 249v

O dragão/serpente/demônio foge da pantera/Jesus, assim como fogem aqueles que não querem ouvir/seguir as suas palavras/mandamentos. Desse modo, o dragão é o homem perverso que não suporta o odor da palavra do Salvador, pois ela significa mudança, exige conversão. Por essa razão, os animais/povos saem de sua posição e se deslocam para próximo a Ele (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 260). Para aqueles que não querem enfrentar tais mudanças, nem seguir o chamado (Marcos 8:34), as palavras de Cristo são duras:

**“Esta palavra é dura.** Quem consegue escutá-la?” Sabendo que seus discípulos estavam murmurando por causa disso mesmo, Jesus perguntou: “Isto vos escandaliza? E quando virdes o Filho do Homem subindo para onde estava antes? **O Espírito é que dá vida, a carne não adianta nada. As palavras que vos falei são espírito e vida.** Mas entre vós há alguns que não crêem”. Jesus sabia, desde o início, quem eram os que não tinham fé e quem havia de entregá-lo. E acrescentou: “É por isso que vos disse: ninguém pode vir a mim a não ser que lhe seja concedido pelo Pai”. **A partir daquele momento, muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele.** Então, Jesus disse aos doze: “Vós também vos quereis ir embora?” Simão Pedro respondeu: **“A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna.** Nós cremos firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (João 6:60-69, grifo nosso).

---

*Si tost comme sa voiz entent,  
Et la doucor de l'odor sent,  
Ne la puet longuement soffrir.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

Dentre os Fisiólogos e os Bestiários consultados, unicamente *El bestiário toscano* afirma que a pantera, após atrair os animais com seu sopro, alimenta-se deles: “[...] e quando as outras bestas se apresentam diante dela, esta escolhe as que mais a agrada e as come” (1986, p. 29, tradução nossa).<sup>31</sup> A interpretação que o bestiário expõe sobre o assunto é que, assim como a pantera se nutre das bestas as quais mais lhe agradam, Jesus converte os bons homens e as mulheres honradas, que igualmente lhe comprazem, a fim de que estes alcancem a vida eterna.

Em *Le bestiaire d’amor*, é citado o fato de a pantera atrair as demais bestas pelo cheiro que emana e estas a seguem até a morte: “Assim como as bestas que, **uma vez que sentem o odor da PANTERA, já não a deixarão mais, antes a seguem até a morte, por causa do doce hálito que dela exala**” (FOURNIVAL, 1860, p. 24, grifo nosso, tradução nossa).<sup>32</sup> No entanto, não existe menção sobre o que as leva a morte.

Da mesma forma, no texto de Guillaume, não temos a indicação clara de que a pantera coma as bestas que encanta. Há apenas as informações de que ela se nutre com “bons alimentos”, mas não se explica no que estes consistem, como vemos a seguir:

Quando a **pantera está saciada**  
Na montanha ou no vale,  
Com **muitos bons alimentos**  
Nenhuma besta melhor procura (GUILAUME LE CLERC, 1852, p. 257, grifo nosso, tradução nossa).<sup>33</sup>

Após comer e se saciar, a pantera dorme durante três dias em sua caverna, o que a torna, mais uma vez, imagem crística. Tal relação é estabelecida, visto que, como Jesus, ela também acorda/ressuscita ao terceiro dia:

Em sua cova entra e pousa  
**Durante três dias dorme e repousa**  
**Ao terceiro dia, quando acorda**  
E de dormir está bem satisfeita  
Então, emite um rugido tão forte [...] (GUILAUME LE CLERC, 1852, p. 257, grifo nosso, tradução nossa).<sup>34</sup>

<sup>31</sup> Lê-se no original: [...] y cuando las otras bestias se le presentan delante, ella escoge a las que más le place, y se las come.

<sup>32</sup> Lê-se no original: Aussi come les bestes que puisque eles ont une foiz sentie au flair de la PANTÈRE, ja puis ne la lairont, ains le sivent jusqu’à la mort por la doce alaine qui ist de li.

<sup>33</sup> Lê-se no original: Quant ceste bestes est saoulée

Ou en monteigne ou en valée,

De boesnes viandes plusors,

Nule beste ne quier mellors.

<sup>34</sup> Lê-se no original: En sa fosse s’en entre et pose,

Desque au tierz jor dort et repose.

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

A pantera é imagem do Cristo ressuscitado, o qual após três dias deixou o túmulo e rugiu seu triunfo sobre a morte. Jesus convida a todos os homens e mulheres a salvação, como salienta Guillaume (1852, p. 258), utilizando um versículo bíblico: “[...] quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim” (João 12,32).<sup>35</sup>

O dragão ainda é inimigo das pombas. Estas possuem uma rica simbologia, sendo consideradas puras, simples<sup>36</sup> e divinas. Charbonneau-Lassay (1997, pp. 476-495), ao tratar da simbologia desta ave, a descreve como emblema da inspiração divina; de Jesus Cristo; do amor de Cristo; da Virgem Maria; dos apóstolos e da alma fiel; da Igreja; das distintas virtudes. De acordo com Acosta (1995, p. 290), os fisiólogos mencionam diversas vezes a pomba. E quando assim procedem é para falar do dragão e da árvore *peridexion*.

Os bestiários citam as três pombas mais célebres da Bíblia: aquela da arca<sup>37</sup>; aquela de Davi<sup>38</sup>; aquela do Espírito Santo<sup>39</sup>. Guillaume dedica várias páginas à pomba. Inicialmente, ele afirma que, entre todos os outros pássaros, a pomba é o mais belo e o que gozava de uma simbologia positiva. Ressalta, do mesmo modo, que é sob a forma dessa ave que o Espírito Santo desceu na hora do batismo de Jesus (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 282).<sup>40</sup> Ademais, tomando como base o que diz o Fisiólogo sobre as pombas coloridas, Guillaume destaca que há pombas de todas as cores: brancas, marrons, azuis, *stephanines*,

---

*Au tierz jor, quant ele est levee,  
Et de dormir bien saoulee,  
Donc giete un si grand muiement.*

<sup>35</sup> Lê-se no original: *Quant de terre essaucie serai,  
totes choses trairai a mei.*

<sup>36</sup> *Soyez simples comme la colombe et sages comme le serpent* (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 178, grifo nosso). A citação de Guillaume se refere à passagem bíblica: “Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as **pombas**” (Mateus 10,16).

<sup>37</sup> Ele esperou ainda outros sete dias e soltou de novo a **pomba** fora da arca. A pomba voltou para ele ao entardecer, e eis que ela trazia, no bico, um ramo novo de oliveira! Assim Noé ficou sabendo que as águas tinham escoado da superfície da terra (Gênesis 8,10-11).

<sup>38</sup> E eu digo: Quem me dera ter asas como **pomba** para eu sair voando e pousar... Sim, eu fugiria para longe e pernoitaria no deserto. Encontraria logo um refúgio contra o vento da calúnia e o furacão que devora, Senhor, e a torrente de sua língua (Salmo 55,7-10).

<sup>39</sup> Batizado, Jesus subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma **pomba** e vindo sobre ele. Ao mesmo tempo, uma voz vinda dos céus dizia: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3,16-17).

<sup>40</sup> *Entre touz les autres oiseaus  
Est le columpstot li plus beaus,  
Et en boene senefiance.  
Saint Esperit, en sa semblance,  
Descendi au bautisment  
De Jhesu Crist veraiment.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

negras, vermelhas, rubis, cinzas.<sup>41</sup> A cada pomba, associa-se um profeta ou um santo cristão, por exemplo: João Batista é aquela de cor branca, pois participou do batismo de Cristo; Este é simbolizado por aquela de cor vermelha, visto que derramou seu sangue para salvar a todos.

Guillaume relata, igualmente, a rivalidade entre o dragão e as pombas. Sendo assim, para se protegerem dele, elas se refugiam em uma árvore chamada *peridexion*. Nela, as pombas vivem, alimentam-se de seus frutos e se protegem. O dragão teme esta árvore, como também teme a sombra dela. Desse modo, “[...] se a sombra se estende para o lado direito, o dragão se mantém a espreita no lado esquerdo e vice-versa, pois ele teme que a sombra da *peridexion* o mate” (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 178).<sup>42</sup> O dragão, então, não ataca aquelas que permanecem na árvore, mas aquelas que se encontram fora da árvore e/ou de sua sombra – como observamos na Figura 6.

Figura 6

---

<sup>41</sup> *Des columps, qui sunt blans et bis:*

*Li un ont color aierine,*

*Et li autre l'ont stephanine;*

*Li un sont neir, li autre rous,*

*Li un vermel, l'autre cendrous,*

*Et des columps i a plusors*

*Qui ont trestotes les colors.*

<sup>42</sup> Lê-se no original: *Si l'ombre s'étend vers le côté droit, le dragon se tient aux aguets en la sénestre partie et vice versa; car lui-même craint l'ombre du paradision qui le ferait mourir.*

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.



Fonte: GUILLAUME LE CLERC, *Bestiaire Divin*.  
(England, 14th century)  
Bodleian Library, MS. Bodley 912, Folio 11r

De acordo com a moralização apresentada pelo bestiário, a árvore da vida é Deus,<sup>43</sup> o pai onipotente; o fruto, é Jesus Cristo; a sombra é o Espírito Santo<sup>44</sup>, conforme o anjo Gabriel anunciou à Maria: “O Anjo, porém, acrescentou: ‘Não temas, Maria! Encontrei graça junto de Deus’ [...] ‘**O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra**’” (Lucas 1,30.35, grifo nosso). O dragão representa o diabo, que teme a Deus. Por isso o dragão/diabo espera que os cristãos se desviem de Deus (árvore) para poder devorá-los, ou seja, para matá-los. A pomba simboliza o cristão que não deve afastar-se de Deus e da Igreja, a fim de não cair em pecado e ser dominado pelo diabo.

Consoante observamos por meio das exposições, as alegorias construídas a partir da representação do dragão, considerado uma criatura demonológica, do elefante, da pantera e da pomba, tidos como figuras cristológicas, refletem o homem medieval, o qual vivia dentro de um binarismo, evidenciado pelo embate maniqueísta entre o Bem e o Mal, o Céu e o Inferno, Deus e diabo.

<sup>43</sup> *L'arbre est le Pere; le fruit, le Fiz;  
Et l'ombre est li Saint Esperit.  
Si cum l'Ange dist a Marie,  
La sainte reine florie:  
Li Saint Esperit sorviendra  
Eu tei, en cui s'aumberra;  
Par la vertu de haut seignor,  
De tei nestra le Sauveor* (GUILLAUME LE CLERC, 1852, p. 287)

<sup>44</sup> Em outros textos (*El fisiólogo*, bestiário de Cambridge), a árvore é identificada a Deus; a sombra é a imagem de Jesus Cristo; o fruto e as pombas representam o Espírito Santo.

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

Essa interpretação dicotômica do Bem e do Mal, que também permeou o mundo animal, sustentado pela Cristandade, forjou a atividade pedagógica do Livro das Bestas, de maneira que, tanto as animálias demonológicas como aquelas consideradas cristológicas ensinavam algo para os mediévidos.

Em vista disso, os bestiários, como repositórios da mensagem divina, são revestidos de uma textura simbólica e doutrinária, cuja interpretação anagógica revela uma exegese bíblica disseminada pela Igreja. As características observadas nas descrições do dragão, do elefante, da pantera e da pomba, em *Le bestiaire divin*, de Guillaume le Clerc, ressaltam, então, o objetivo moralizante e catequético dos bestiários, que desvelam Deus e enunciam o homem.

## Referências

ACOSTA, Vladimir. **Animales e imaginário**: la zoología maravillosa medieval. Caracas: Universidad Central de Venezuela/Dirección de Cultura, 1995.

BEAUVAIS, Pierre de. **Le Bestiaire**: version longue attribuée à Pierre de Beauvais édité par Craig Baker. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2010.

BIANCIOTTO, Gabriel. Le Bestiaire dans la littérature médiévale. **Études de Langue et Littérature françaises de l'Université de Hiroshima, Hiroshima**, n.15, p. 1-13, 2006. Disponível em: <[http://ir.lib.hiroshima-u.ac.jp/metadb/up/kiyo/AN00000085/ELLF\\_15\\_1.-pdf](http://ir.lib.hiroshima-u.ac.jp/metadb/up/kiyo/AN00000085/ELLF_15_1.-pdf)>. Acesso em: 25 out. 2010.

BIBLE. Inglês. James King Version (JKV). South Bend: Barbour Publishing, 1997.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 84. ed. São Paulo: Ave Maria, 2010.

BIBLIA SACRA JUXTA VULGATAM CLEMENTINAM. Edição eletrônica. Londres, 2005.

CHARBONNEAU-LASSAY, L. **El bestiario de Cristo**: el simbolismo animal en la Antigüedad y la Edad Media. 2. ed. Tradução de Francesc Gutiérrez. Barcelona: Sophia Perennis, 1997. 2 v.

CRUZ, Valéria Álvares. **A simbólica dos animais**: bestiários e outros textos. São Paulo: Fiuza Editores, 2001. v. 1.

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

DUCHET-SUCHAUX, Gaston; PASTOUREAU, Michel. **Le bestiaire medieval: dictionnaire historique et bibliographique**. Paris: Le Léopard d'Or, 2002.

EL BESTIARIO TOSCANO. Tradução de Alfred Serrano i Donet e Joseph Sanchís i Carbonell. Madrid: Ediciones Tuero, 1986.

EL FISIÓLOGO (PHYSIOLOGUS LATINO – VERSÃO Y): bestiário medieval. Editado por Nilda Guglielmi. Madrid: Ediciones Eneida, 2002.

EL FISIÓLOGO atribuído a San Epifanio. Editado por Santiago Sebastián. Tradução do latim de Francisco Tejada Vizuet. Madrid: Ediciones Tuero, 1986.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na Colonização do Brasil**. São Paulo: EDUSC, 2011.

FOURNIVAL, Richard de. **Le bestiaire d'amour**. Introduction par Celestin Hippeau. Paris: Auguste Aubry, 1860.

GUGLIELMI, Nilda (Ed.). **El fisiólogo**: bestiário medieval. Madrid: Ediciones Eneida, 2002.

GUILLAUME LE CLERC. **Le bestiaire divin de Guillaume Clerc de Normandie, trouvère du XIII<sup>e</sup> siècle**. Caen: Hardel, 1852.

HIPPEAU, Celestin. Introduction. In: GUILLAUME LE CLERC. **Le bestiaire divin de Guillaume Clerc de Normandie, trouvère du XIII<sup>e</sup> siècle**. Caen: Hardel, 1852.

KIBLER, William W. et al (Ed.). **Medieval France: an encyclopedia**. New York; London: Garland Publishing, Inc., 1995.

MALAXECHEVERRÍA, Ignacio. **Bestiario medieval**. Madrid: Siruela, 2008.

MATTIACCI, Angela Marie. **Le Bestiaire Marial tiré du Rosarius**. 1996. 391 f. Tese (Doutorado em Lettres françaises) – Faculté des Arts, Université d'Ottawa, Ottawa, 1996.

MÉNARD, Philippe. Le dragon, animal fantastique de la littérature française. In: **Revue des langues romanes**, Montpellier, n. 2, t. 98, p. 247-268, 1994.

PASTOUREAU, Michel. **Bestiaires du moyen age**. Paris: Seuil, 2011.

PROPRIETÉZ DES BESTES. In: XIVREY, Jules Berger de. **Traditions tératologiques: ou récits de l'Antiquité et du Moyen Âge en Occident sur quelques points de la fable du merveilleux et de l'histoire naturelle**. Paris: Imprimerie Royale, 1836.

THE ABERDEEN BESTIARY. Disponível em: <<http://www.abdn.ac.uk/bestiary/bestiary.hti>>. Acesso em: jul. 2012.

VAN WOENSEL, Maurice. **Simbolismo animal na Idade Média: os bestiários: um safári literário à procura de animais fabulosos**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2001.

VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. **Medievalista Online**, Lisboa, ano 2, n. 2, pp. 1-53, 2006. Disponível em:

FRANCA, Vanessa Gomes; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Considerações sobre a simbologia do dragão, do elefante, da pantera e da pomba em *Le Bestiaire Divin*, de Guillaume Le Clerc.

<<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/PDF2/bestiario-PDF.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

VERMEILLE, Alexandre. **De l’Orient à l’Occident: un patchwork multiculturel au service de l’écriture**. Neuchâtel: s.e., 2006.

VOISENET, Jacques. **Bêtes et hommes dans le monde médiéval: le bestiaire des clers du V<sup>e</sup> au XII<sup>e</sup> siècle**. Turnhout: Brepols, 2000.

WHITE, Terence Hanbury. **The book of beasts: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century**. London: J. Cape, 1984.

ZUCKER, Arnaud. **Physiologos: le bestiaire des bestiaires**. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2004.